

SATURNO E NUN: O DESAMPARO E O SER EM DEPRESSÃO

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães¹

RESUMO:

O presente trabalho propõe situar o desamparo como núcleo constituinte na depressão, por meio da revisão bibliográfica utilizando o método dedutivo, para melhor compreensão o tema. Para isso, foi retomada a referência do astro e figura mitológica grega de Saturno e da mitologia egípcia, Nun, como representantes do Caos. Posteriormente, foi feito o levantamento do desamparo nas contribuições de Freud (1996) e dos psicanalistas contemporâneos Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), entre outros. A partir disso, foi realizada a investigação psicanalítica, acerca do desamparo no sujeito com depressão, a sua psicodinâmica, os conflitos internos envolvidos e as particularidades desse universo vivenciado por estes sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Desamparo. Psicanálise. Mitologia. Caos.

¹ Psicóloga, licenciada em Letras, especialista em Saúde Pública. Atualmente é aluna no curso de Mestrado na Universidade Federal de Uberlândia, matriculada no curso de Psicologia, com ênfase em Psicanálise e Cultura. Rua Izaura Augusta Pereira, 314, Santa Mônica, Uberlândia, MG. (34) 9224-5215 | anarosa.psi@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetivo por meio da revisão bibliográfica-dedutiva, averiguar as possíveis correlações entre o estado do ser deprimido e suas afinidades com o desamparo primário do ser humano. Para tanto, há a necessidade do retorno à mitologia clássica, a fim de observar alguns de seus personagens, no que se refere às perdas originárias, ao Caos e ao estado depressivo e de desamparo. Posteriormente, com o arcabouço teórico psicanalítico pretende-se fazer a articulação entre a psicodinâmica da depressão e o desamparo inicial, oriundo do humano.

A depressão convida o indivíduo ao movimento negativo e lento: recolher-se, paralisar-se, deter-se, observar-se fora de si, ou seja, um movimento que tende à supressão do agir. Talvez, seja por isso, que as grandes imagens usadas para se referir a ela retratem seres pequenos e passivos diante de algo maior que toma, envolve e é o verdadeiro agente da emoção: a noite que cai, a velhice que chega, o frio da separação, a certeza da perda.

SOBRE A DEPRESSÃO E O DESAMPARO

A vida não ter sentido é uma expressão queixosa que sugere a ideia de que existe, em algum lugar, um sentido a ser buscado, uma completude da qual se está excluído. Edler (2008) indica que na psicanálise o desejo se constitui em torno de uma falta fundadora, em uma incessante procura a um malogro parcial, já que não é possível, em termos humanos, uma completa realização. Da Antiguidade até o Romantismo, o melancólico é constituído como sendo um indivíduo que perdeu seu lugar junto ao Outro. Nas contribuições de Kehl (2009), percebe-se o que o melancólico é aquele a quem é consumido em ruminções, arrependimentos, dúvidas e investigações, estas, variantes do sintoma social e representavam preciosos elementos de compreensão das condições de inclusão dos sujeitos no laço social ao longo da história.

As experiências cruéis como o nascimento, a fome, a solidão, o desmame – a experiência dos primeiros lutos, todos carregam para sempre, seja uma experiência elaborada ou temida. De acordo com Guariante (2004), as primeiras separações, possivelmente traumáticas agem como uma ferida aberta, nunca cicatrizada e suas

consequências traumáticas são representadas pelo sofrimento, pelo padecimento e repetições nas vivências do indivíduo. A perda, com isso, ultrapassa o nomeado e o conhecido, por estar arraigado nas profundezas inconscientes e nas relações internas, vistas e projetadas nas relações externas. A depressão melancólica, que repousa na perda de um ideal fracassado, de um objeto não realizado, de um bem material não conseguido, na transitoriedade do tempo perdido ou de um simples desejo que não encontrou satisfação, pode estar silenciosamente desaguando em outro lugar mais turbulento e desconhecido.

O desamparo presente na depressão esboça uma região ou território psíquico que requer, necessita de uma cobertura pelo objeto. Este estado enfermo, desperta falhas efetivas, estabelecidas nas vias de trocas primárias com o objeto. A depressão é o cerne da condição humana, do desamparo de origem, sendo ela, essencialmente defensiva. Para Deloya (2000), o estado de desamparo resulta das necessidades vitais e exigências pulsionais e, de outro lado, do universo humano, sobretudo do intrusivo mundo pulsional da mãe. Além de disfarces, a defesa depressiva reflete qualidades específicas de vivências, traumáticas que remontam a falhas junto ao objeto, mas é, também, uma expansão defensiva, como uma caverna, a qual protege o indivíduo de forma maciça com que se apresenta o conjunto dos estímulos sensoriais para o recém-nascido.

O aparelho psíquico em sua totalidade, do mesmo modo que na depressão, são regidos por um princípio defensivo, o qual, segundo Deloya (2002), o espaço psíquico na depressão está sob ameaça, uma vez que, o afeto jamais se desvincula da representação psíquica. A tentativa, na depressão, de repelir o universo sensorial desafeta, em um e só movimento, o mundo interno e externo e seus objetos. O nascimento que acarreta este efeito depressivo, também como medida defensiva, busca no objeto a restauração do gozo de fusão de origem.

Freud (1996) relacionou, a partir de Abraham, o afeto depressivo a uma situação traumática, ou seja, um sinal, uma marca que transpassa o tempo e o espaço. Contudo, o estado de *hiflosgkeit* desamparo ou desvalimento infantil trata-se do trauma do nascimento da representação de si, investida afetivamente, onde houve a perda-falta que visa restaurar o objeto original.

Quando, por exemplo, uma criança é deixada sozinha no escuro, seria de esperar que a mesma, recebesse de bom grado o restabelecimento da situação intrauterina, porém, é precisamente em tais ocasiões que a criança reage com ansiedade. De fato, decorre da lembrança da criança da interrupção que o evento do nascimento causou em sua felicidade intra-uterina, torna-se impossível se vangloriar com tal retorno imaginário. Uma criança na escuridão, sozinha, ou quando se encontra com uma pessoa desconhecida, ao invés de uma com a qual ela está habituada- como a mãe dela. Esses exemplos podem ser sintetizados a uma única condição – a de sentir falta de alguém que é amado e de quem se sente saudade (FREUD, 1996).

O imaginário do desamparo suscita com clareza, do desinvestimento, acarretado pela separação do corpo da mãe, diz respeito não somente à exposição dos contornos do Eu incipiente, mas ao *“espaço vazio que ela deixou em mim”* e apela *“retorne!”* (DELOYA, 2002, p. 31). O apelo implícito do desamparo ascende sobre o narcisismo primário e seus emblemas, o qual o trauma de origem é o que o estanca. É por meio do narcisismo, e conforme a lógica própria à temporalidade psíquica, que a depressão aparece. Se for remetida ao trauma de origem, nele revelará uma depressão originária, que tem como sucessor a depressão-sinal que, à semelhança da angústia-sinal, constitui um alerta, um estado defensivo frente a uma ruína iminente.

A perda do objeto de origem recai sobre o Eu-ideal, o que conduz, na depressão aguda, a oscilação entre a impotência e a onipotência. Tal absorção, que visa proteger o Eu de uma implosão iminente, constitui o contexto de todas as formas de retraimento, de impotência e de limitação do pensamento e do afeto nas depressões agudas e crônicas. Para Deloya (2002), a carência de um conteúdo na depressão, característica da patologia do Eu, encontra na transferência seu elo representativo com o desejo almejado ao ambiente de origem. Sendo assim, a depressão e o afeto depressivo estão inserido em uma condição originária, isto é, houve uma plenitude, uma suficiência outrora, mas, que foi perdida.

Nas concepções astrológicas da Antiguidade, a respeito da supremacia de *Saturno* na influência do estado melancólico dos indivíduos, percebe-se, contudo, que *Saturno*, na mitologia grega e romana foi representativo do Caos. Bulfinch

(2006) destaca que *Júpiter ou Jove (Zeus)*, embora chamado de pai dos deuses e dos homens, teve um princípio, sendo filho de *Saturno (Crono)* e *Réia (Ops)*, que pertenciam à raça dos titãs, filhos da Terra e do Céu, que surgiram do Caos. Antes que a terra, o mar e o céu tivessem sido criados, todas as coisas tinham um único aspecto, ao qual se denomina Caos – uma massa confusa e informe, nada além de peso morto, na qual, entretanto, repousava, as sementes das coisas. Contudo, as descrições a *Saturno* não são muito coerentes. Para alguns, o seu reino foi considerado a idade áurea da inocência e da pureza; mas, para outros, é descrito como monstro que devorava seus próprios filhos.

Sendo assim, para a mitologia grega e romana, o início do mundo foi composto a partir e devido ao Caos; metaforicamente, o trauma do nascimento representa uma condição intra-uterina que traz consigo o acolhimento, a alimentação, o refúgio e o conforto propiciado pela mãe e sua placenta - a completude. No entanto, do encontro dos gametas até a fecundação, da formação de todos os tecidos, dos órgãos e formação do todo do bebê, há o a multiplicação, o crescimento, os processos de meiose e de diferenciação, assim, o bebê passa, inicialmente e necessariamente, por um processo de Caos, como o Universo, que necessariamente, deverá sofrer uma mutação, a fim de Ser.

Como na mitologia grega e romana, na mitologia egípcia, de acordo Seganfredo; Franchini (2012), no mundo apenas existia *Nun*, o grande oceano primitivo que, posteriormente seria chamado pelos sábios de “sagrado Nilo”. Ao seu redor, reinam o silêncio, as trevas e o caos infinito, não havendo ainda olho humano que possa perceber a ausência das formas, dos volumes e das cores, já que vida alguma existe ali. O informe deus *Nun* permanece imerso desde sempre em seu sono primitivo, não passando ele – e o próprio universo, já que *Nun*, o grande espelho liquefeito de águas imparciais, escuras e silentes, a refletirem o nada inexpressivo que habita o mundo.

E então inesperadamente, o grande mistério acontece: *Nun* começa subitamente a mover-se despertando, enfim, de seu longo sono primordial, da mesma forma que o crescimento e maturação dos bebês. Aos poucos a força vital de *Nun* começa a operar, e das profundezas do mar revolto surge lentamente uma pequena ilha envolta pelo impenetrável manto da escuridão. Para Seganfredo;

Franchini (2012), o universo conhece seu primeiro momento de espantosa beleza ao contemplar a escuridão transformadora do Nada e do Caos.

Nesse sentido, o modelo imaginativo da placenta como perfeito e total, quando o bebê já foi formado, onde o Caos e o Nada já se afastaram, a princípio, o ventre materno, no cenário do deprimido, para Deloya (2002) torna-se uma companhia de retorno e de falta inseparável. No estado depressivo é notável os sentimentos e sentidos de perda, parcial ou quase completa, uma vez todos os sentidos sensíveis, inclusive o sexto, podem ser assim, afetados, prejudicados. A depressão é um “afeto” que priva o sujeito do sentir, dos sentidos dos afetos. O desamparo e o apelo, que lhe é correlato, portanto, colocam em evidência, de um lado, a frustração de alcançar uma plenitude e, de outro, a decorrente demanda de fusão ou sua restituição mítica.

Nos estudos de Fédida (2009), a depressão é uma doença humana do tempo que afeta a representação e a ação, as potencialidade da linguagem, assim como a comunicação com os outros. É considerada uma psicopatologia do tempo nos estados deprimidos refere-se, portanto, tanto ao corpo da ação quanto à comunicação intersubjetiva. A primeira impressão que o deprimido transmite tende a mascarar justamente o agito, a excitação aflitiva e a força desmedida contra as quais ele precisa se defender, erguendo a depressão. O fenômeno da lentificação, ou mesmo a paralisia, expressam uma defesa, um resguardo ante um excesso que, mediante a falha espetacular, deixou de servir de fonte, de valor metabólico, na construção de uma imagem integrada de si que possibilitasse ao sujeito se apropriar de seus movimentos, de suas vivências (DELOYA, 2002).

A atenção, na depressão é atrelada a uma vivência cuja modalidade é de estar diante de uma configuração que se coloca fora do eu e da qual foi excluído. Na dor do reconhecimento da própria tristeza é possível a este corpo restaurar a vivência da qual se viu obrigado, em certo momento, a se retirar ou da qual jamais se inteirou. O regime do princípio prazer/desprazer baixa para sua modalidade mais primitiva que visa evitar a dor e o desprazer. O afastamento e mesmo a evacuação dos estímulos sensoriais e pulsionais expressam um retrocesso do aparelho psíquico para seu modo mais primitivo de funcionamento: o da fuga.

Fédida (2009) levanta a ideia de que a depressão é um afeto, cuja característica seria a alteração do tempo, a perda da comunicação intersubjetiva e, correlativamente, o empobrecimento da subjetividade. É verdade que, em geral, a tristeza acompanha o estado deprimido, mas, em certo sentido, ela já representa uma volta ao movimento, uma reanimação da vida. O estado deprimido poderia ser visto, assim como angústia, como um estado de afeto arcaico no qual o corpo desempenha um função determinante de vivência. Se existe uma doença do vivente humano, ele seria, por definição, a depressão, então se pode considerar como vital esse afeto de aniquilamento do psíquico. Falar de depressão vital retoma à ideia, antes de tudo aristotélica, de que a depressão é uma doença da forma – o psíquico sendo aquilo que dá forma ao vivente.

A “pele”, sensível aos estímulos sensórios e ao impacto de suas figurações estéticas, leva, nas depressões agudas (de cunho dissociativo ou psicótico) a uma efetiva “corrida às cavernas”, a um retraimento físico, a um comportamento confundido e interpretado, frequentemente, como decorrente de um temor claustrofóbico. A depressão observada é, nesses casos, um verdadeiro sinal de esperança (DELOYA, 2002).

No mundo primevo instaura-se, segundo a nova ótica de Meltzer, um jogo em que a operação da identificação projetiva e de seu complemento, a identificação introjetiva, colocam o sujeito em relação ao corpo materno – e “no” corpo materno – transpondo-o para estados de mente, de vivência e de ação, orientadas pelas modalidades funcionais das zonas psicosexuais dentro das quais, o sujeito se torna prisioneiro. O indivíduo encontrando-se desde sempre mergulhado na fantasia (DELOYA, 2002). Sob tais retornos e possíveis sensações de intimidade, Fédida (2009), relata que o estado deprimido é, em suma, comum é familiar, devido ser considerado um estado do desumano. Seria a própria aparência humana que se apaga, o simples gosto ou rosto, tonalidade da voz nas palavras, simples impressão de um sentimento ou lembrança. A depressão toma o aspecto violento do aniquilamento do vivente humano.

Segundo os estudos de Edler (2008), as depressões, em suas matrizes e contornos, sobretudo as de inspiração neurótica, sofreram uma mudança significativa tanto na forma de manifestação quanto no sentido qualitativo. É notório

o desejo de incorporar o objeto, sendo compatível com a fase oral do desenvolvimento, o que remonta a origem de constituição do psiquismo. Com o narcisismo, visto como forma de investimento libidinal no próprio eu, e o eu, por sua vez, sendo primordial na relação com o Outro, torna-se palusível a ideia de que o narcisismo e a identificação narcísica sejam noções tão próximas que podem mesmo ser considerados modos idênticos de funcionamento libidinal.

A experiência comum do estado deprimido pertence a quase física sensação de aniquilamento, um vez que, essa sensação quase nem chega a ser um afeto que se experimenta e parece muito distante da percepção de um sofrimento vivido pelo sujeito. A aniquilação representa mais uma imobilização, um impedimento de se sentir os menores movimentos da vida interna e externa, à abolição de qualquer devaneio ou desejo. O pensamento, a ação e a linguagem parecem ter sido dominadas por uma violência do vazio e do Nada. A vida está vazia, não há gosto ou interesses, e predomina a incapacidade de se fazer o que quer que seja. Essa queixa é triste, mas de uma vivência sentimental quase desapegada, sem afeto. Não é um lamento que manifeste ou anime uma interioridade: é uma voz que constata um processo de desaparecimento.

A vigilância do estado depressivo seriam, para Fédida (2009) uma espécie de absorção na “morte de si” contida numa atividade auto-erótica do chupar do bebê – um cenário mudo onde o deprimido tenta se “alimentar no chupar”. Deloya (2002) destaca, com isso, que o quanto maior o recuo depressivo, maior é o desalojamento do universo afetivo humano, sendo que, a intolerância à dor depressiva, ou a angústia que abriga, os impele para uma oscilação constante entre os estados depressivos e refúgios festivos, de caráter e traços perversos de diferentes tipos.

Entretanto, para Roland Kuhn, “depressão vital” designa, uma unidade fenomenal do humano na experiência da existência (ser-no-mundo e ser-com). A expressão “depressão vital” conota ao mesmo tempo uma dimensão do psíquico, naquilo que ele tem de vital e articula-se ao que é depressivo em um sujeito que não mais dispõe de sua capacidade de ressonância (FÉDIDA, 2009). Sendo assim, Guariente (2004), diz que o Instinto de Vida expressa-se através dos atos e pensamentos otimistas, bondosos, criadores e unificadores. Busca-se o movimento

e um estado novo das coisas. Promove integração, proteção, amor e bem-estar. Representado por “Eros”, está a serviço da vida, ao desenvolver-se com as experiências emocionais amorosas vividas e aprendidas. O Instinto de Morte, contudo, pode ser expresso pelo pessimismo e pela descrença, assim como pelo ódio, inveja, destruição, desintegração e desunião. Busca a conservação e um estado antigo das coisas.

O deprimido da “depressão melancólica” está clivado e distante de uma percepção mais integrada da realidade interna e externa, que é a face mais psicótica da depressão, na qual o envolvido não consegue conviver satisfatoriamente consigo e nem com os outros. O deprimido da “posição depressiva”, da teoria kleiniana, fica assim devido à aproximação de uma percepção mais integrada de si e da realidade externa. A posição depressiva é a face mais elaborada da depressão melancólica. E por esse caminho que o indivíduo sairá satisfatoriamente da própria depressão melancólica – deprimindo-se.

A perda que não pôde ser descarregada e elaborada de seus aspectos afetivos e emocionais mais sofridos, um a vez experimentados, fica repetindo ou aderindo a outras perdas, na função não apenas de produzir ou reproduzir mais dor e sofrimento, mas principalmente na busca de uma solução melhor que a anteriormente possível. Por isso, que muitas pessoas que já passaram por perdas difíceis em sua vida caem em depressão em outro tempo, por outras perdas, não necessariamente traumáticas como em outras já vividas. O conflito interno está na origem do distúrbio depressivo, pois, para Guariente (2004), a tensão é inconsciente para o envolvimento e pode ser despertado por vários fatores externos (perdas, separação, desemprego) e internos (desilusão, decepção e frustração). Na depressão destaca-se, ainda, o conflito entre instinto de vida e instinto de morte, e entre o ego e superego.

As metáforas produzidas para se imaginar a depressão inevitavelmente remetem ao frio, ao silêncio gelado, ao desaparecimento aparente de qualquer vida, a uma mistura intermediária entre Caos e Nada. E embora, frequentemente, como esclarece Fédida (2009) careçam de metáforas na queixa depressiva, devido a uma espécie de exaustão da linguagem, não é raro escutar os pacientes deprimidos descreverem uma solidão absoluta e total, de onde teriam desaparecido emoções,

desejos e sentimentos, como se a vida tivesse estagnado. Essa espécie de desumanização à qual o estado deprimido conduz é aterrorizante. E como se uma paisagem glacial pudesse servir para descrever uma terra privada de seres vivos. Os “destinos geológicos da terra” oferecem a verdadeira medida do devir psíquico da humanidade e, portanto, de sua civilização. Entre esses destinos, o da glaciação é o mais poderoso: o extremo despojamento que ele impôs à primitividade do homem, a sua luxuriância sexual de “animal-homem-primitivo”, que traduziu-se pela produção de formas conservadoras de vida.

A dificuldade de introjetar o afeto e o conhecimento, por exemplo, cria no indivíduo uma instabilidade psíquica-emocional capaz de colocar em derrocada o satisfatório funcionamento psíquico e orgânico. Os “objetos internos bons”, com referência a Klein, agem como protetores do ego diante dos agentes internos e externos. A falta ou deficiência dos “bons objetos” revoga os indivíduos a frágeis, sensíveis e ameaçados pelas contingências mais desfavoráveis da vida psíquica, social e orgânica (GUARIENTE, 2004).

A dificuldade em colocar-se como uma pessoa independente e diferente de si, com direitos e deveres, com defeitos e qualidade, acaba favorecendo o deprimido, na construção de uma relação emocional que se edifica no uni-indivisível, ou seja, “o parto que não se efetivou na esfera emocional porque o cordão umbilical emocional, não foi cortado” (GUARIENTE, 2004, p. 165). As consequências psicopatológicas tendem a ser inúmeras, principalmente, em razão da dificuldade de discriminação perceptiva de si e do outro. A dificuldade de ver-se separado e diferente do Outro, induz a ilusão de fusão vivida ou mal vivida, lá na relação primitiva coma mãe.

A vivência de uma experiência de afetos e pensamentos depressivos foi, é, e sempre será um grande desafio ao aparelho psíquico de qualquer indivíduo. A instância psíquica responsável por conter e elaborar as experiências depressivas foi denominado por Freud de ego; Bion denominou aparelho para pensar os pensamentos.

Assim sendo, de acordo com Deloya (2000), a depressão eclode, segundo a psicanálise moderna, na sensibilidade depressiva no estágio ou momento constitutivo da configuração do objeto, ocorrendo conjunta e concomitantemente à

do eu do sujeito, com a consciência de ser separado da mãe ou com a perda progressiva dela, na esteira do nascimento do sujeito – do eu-, e o conseqüente re-investimento de si. Momento fundamental que figura na posição depressiva de Melanie Klein, no estágio de espelho de Lacan, no estado de preocupação de Winnicott e na fase de separação/individuação de Mahler. Situa-se, portanto, em torno da configuração do objeto total de ter destruído a mãe que se teme progressivamente perdida.

O sentimento de ter perdido o objeto ou aspectos dele, e a resignação diante dessa perda, à medida que a criança não é capaz de restaurar o objeto dentro dela mesmo, marca o nascimento do afeto depressivo, assim como o da instalação da sensibilidade depressiva. A superação ou a vulnerabilidade a este estado dependerão, em primeiro lugar, do objeto e da sua disponibilidade para com a criança desde os primeiros momentos da vida e, conseqüentemente, do trabalho de luto. O afeto depressivo situa-se, então, nesse ponto central de transição, constitutivo do psiquismo, onde a abdicação narcísica, da onipotência e da fusão, se faz necessária.

Na figuração mítica, a depressão não seria a reação ativa (como na angústia), mas a conseqüência, o depois – a prostração decorrente do trauma. O desamparo é, portanto, o estado protótipo da depressão; a angústia é o ruído – proveniente da pulsão – e que, mais tarde, motivará o recalçamento. A angústia surge aqui enquanto reação ao desamparo propiciado por este corte de origem. Entretanto, a depressão se relaciona com o lado inverso, negativo: a passividade e o próprio desamparo – a prisão no momento traumático.

A depressão refere-se, portanto, não a uma perda do objeto, enquanto totalidade perceptivelmente configurada, mas, sobretudo a perda de um espaço referencial de gozo. A vivência comum a todos os estados depressivos, em que o indivíduo tende a um espaço de gozo do qual se sente cindido, coloca em vista sua semelhança com o estado de desamparo do ser do início em que a ascendência das necessidades pulsionais, decorrentes do nascimento, e a violência do mundo sensorial – somada àquela oriunda do objeto, de sua paixão ou intrusão pulsional – articulam-se à perda mítica de um espaço de gozo, de quietude fusional com o corpo da mãe (DELOYA, 2000).

A polarização, os paradoxos entre plenitude e o limite de existência, articulam-se ao que define o desemprego – que coloca em mancha um trabalho, uma dialética narcísica da construção psíquica. Esta se inicia no temer pelo próprio território, por mais difusa que seja a noção sobre ele. E, de acordo com tal ameaça, clama-se, de um lado, por um continente (contornos) e, de outro, por um conteúdo. São paradoxos, que também retomam o conceito de crescimento, maturidade, diferenciação, nos primeiros momentos do embrião, seria o pavor de voltar ao estado anterior à formação do bebê, o terror do Caos, da indiferenciação, do torna-se Nada.

O temer depressivo, portanto, abriga o duplo sentido de ameaça e defesa, pela preservação de um território, quanto aos seus contornos e conteúdos, constituindo a forma mais básica e mais genérica de depressão associada ao estado originário de desemprego. Alerta continuamente acordado frente à ameaça de desmoronamento que foi magistralmente descrito por Winnicott em relação a algumas patologias gravemente depressivas. Uma forma branda deste alerta, porém bastante difundida, encontra-se na tensão depressiva – acompanhada de inquietação, desconforto físico e insônia – ao qual sucumbem alguns sujeitos, com traços marcadamente obsessivos, em situações específicas em que a ausência física de acompanhantes permanentes (como a esposa ou a mãe) durante um tempo relativamente curto (um período do dia, feriado ou final de semana) coloca em confronto sua autonomia de prosseguir com suas atividades produtivas ou de gozar de seu tempo de lazer (DELOYA, 2000).

Ao invés da fuga e da passagem ao ato, assiste-se uma integração, como se a costumeira estagnação depressiva abre-se, por meio da vivência catastrófica, para a assimilação e a expansão do universo psíquico. Guariente (2004) assinala que, se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, ocorrerá à transformação do pensamento, e, o desenvolve de um “aparelho para pensá-lo”, como formulou Bion. Tolerando a frustração de uma realização negativa, ou seja, a raiva de um desengano, a decepção de uma expectativa, a dor de uma perda, a frustração de um “não-seio”, o indivíduo será direcionado ao pensar. A experiência frustrante contida o convidará a pensar nos inúmeros pensamentos decorrentes de tal desatino e, com isso, fazer com que a mente desenvolva o “aparelho para pensar”: processo

psíquico que aumentará a probabilidade de a própria frustração ser mais tolerada e os pensamentos mais compreendidos.

O “aparelho para pensar os pensamentos”, proposto por Bion seria o responsável por transformar frustração em pensamento, desespero em esperança, dúvidas em fé, discórdia em união, ofensa em perdão, erro em verdade, tristeza em alegria, trevas em luz, ódio em amor, o Caos em Ordem. Quando a mente não consegue fazer essas transformações, o aparelho para pensar atrofia e o atormentado não consegue desenvolver sua capacidade mental de tolerar a dor e frustração e, conseqüentemente, modificar a dor e os prejuízos, a elaborar suas frustrações primeiras - caminho que tende a resultar em terríveis conseqüências, semelhantemente ao que ocorre com as “leis” de nossos antepassados, pelas quais imperava a desforra igual à defronta: dente por dente; olho por olho, frustração por violência, decepção por vingança, perdas por danos (GUARIENTE, 2004).

O fracasso em tolerar a frustração de uma realização contribui para o desenvolvimento do aparelho para projetar e re-introjetar agressividade bruta. Esse aparelho mental projetivo hipertrofiado acaba servindo exclusivamente à função de evacuar pensamentos e “proto-pensamentos” ruins e destrutivos. O intuito da reação evacuatória é livrar-se do mal-estar causado pelo conflito interno, pois é utilitário também, para tentar aniquilar o alvo frustrante pela agressão e pelo controle onipotente do mesmo.

Para superar uma experiência frustrante é necessário que o “aparelho para pensar pensamentos” esteja disponível, ou seja, que o indivíduo consiga ter recursos mentais da demanda imposta à sua capacidade de momento. Os pensamentos confusos que encontram um pensador podem ser transformados ou renovados em pensamentos mais claros, conceitos mais eficientes e atitudes salutares, ou seja, o guerreiro enfrentará mais uma batalha. Outro caminho o de tentar ignorar a dor da frustração e buscar na fuga das angústias um alívio temporário. Não se pode esquecer ou ignorar que a fuga é um caminho muitas vezes tortuoso e longínquo para se aproximar da resolução do problema existente. As respostas defensivas, conscientes e inconscientes, que buscam reprimir, racionalizar, negar, ignorar e suprimir o conflito gerador de dor e desprazer são as mais vistas diante de uma situação de frustração, decepção e ilusão.

Assim como, *Saturno* e *Nun*, que vieram ao mundo a partir do Caos, os bebês, em seu início de formação biológica e fisiológica eram também, o Caos, que foi, paulatino e constantemente, transformados. A transformação, entretanto, depois da retirada do ambiente intra-uterino dependerá dos recursos psíquicos, do mundo interno e externo do sujeito, isto é, não haverá leis do acaso ou da Natureza para que, ele se transforme, se emancipe, tenha conhecimento de si e autonomia. Será uma tarefa árdua, solitária e única - o medo de estar próximo do Caos e como tentar conseguir se afastar para permanecer em uma Ordem, mesmo que transitória.

REFERÊNCIAS

BULFINCH, T. (2006). O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de deuses e heróis. São Paulo: Martin Claret

DELOYA, D. (2000). Depressão. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DELOYA, D. (2002). Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro. São Paulo; Escuta: Fapesp.

EDLER, S. (2008). Luto e melancolia: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FÉDIDA, P. (2009). Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia. Trad. Martha Grambini. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1996). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 81-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).

GUARIENTE, J. C. A. (2004). Perdas e Danos: Psicodinâmica da Depressão. Ribeirão Preto: O Autor.

KEHL, M. R. (2009). O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo, Boitempo.

SEGANFREDO, C. & FRANCHINI, A. (2012). S. As Melhores Histórias da Mitologia Egípcia. Porto Alegre, RS: L &PM.

SATURN AND NUN: THE HELPLESSNESS AND BE IN DEPRESSION

ABSTRACT

This work proposes to place the helplessness as a constituent core in the depression, through literature review using the deductive method, to better understand the subject. For this, he resumed the reference star and Greek mythological figure of Saturn and Egyptian mythology, Nun, as representatives of Chaos. Subsequently, the lifting of helplessness was made on the contributions of Freud (1996) and contemporary psychoanalysts Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), among others. From this, the psychoanalytic investigation was carried out, about the helplessness in the subject with depression, its psychodynamic, internal conflicts involved and the particularities of this universe experienced by these individuals.

KEYWORDS: Depression. Helplessness. Psychoanalysis. Mythology. Chaos.

SATURN ET NUN : L'IMPUISSANCE ET D'ÊTRE EN DÉPRESSION

RÉSUMÉ

Ce travail se propose de placer l'impuissance comme un noyau constituant dans la dépression, par le biais de la littérature en utilisant révision de la méthode déductive, pour mieux comprendre le sujet. Pour cela, il a repris l'étoile de référence et figure mythologique grecque de Saturne et la mythologie égyptienne, Nun, en tant que représentants du Chaos. Par la suite, la levée de l'impuissance a été faite sur les contributions de Freud (1996) et psychanalystes contemporains Deloya (2000; 2002), Fédida (2009), entre autres. De là, l'enquête psychanalytique a été réalisée, à propos de l'impuissance dans le sujet à la dépression, ses psychodynamique, les conflits internes impliqués et les particularités de cet univers vécue par ces personnes.

MOTS-CLÉS : Dépression. Impuissance. La psychanalyse. Mythologie. Chaos.

Recebido em: 23-08-2016

Aprovado em: 10-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>